

O CONTEXTO E SUA RELEVÂNCIA NUMA PESQUISA

DESIGN-BASED RESEARCH - DBR

Alfredo Eurico Rodrigues Matta

alfredo@matta.pro.br

<http://lattes.cnpq.br/1169116651630370>

Rita Cristina C. de A. Santiago

tinnasantiago@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/7909523264699083>

RESUMO

Discute-se sobre contexto e sua relevância numa pesquisa encaminhada pela metodologia *Design-Based Research – DBR*, a qual objetiva contribuir para o aperfeiçoamento de pesquisas focadas na colaboração entre seus participantes; na construção e difusão do conhecimento de modo criativo, crítico e inovador; além de otimizar a pesquisa aplicada, fornecendo subsídios para uma observação de como as teorias empregadas nesse tipo de pesquisa serão melhor compreendidas e adequadas eficazmente. Nesse sentido, o contexto imprime sua relevância, pois sem ele, tal metodologia se torna inócua. Para a discussão sobre contexto em *DBR*, os fundamentos teóricos serão os de Antonio Gramsci e os da teoria histórico-social de Lev Semenovich Vygotsky, autor que defende a integração da cultura ao homem por meio da interação entre parceiros sociais. A escolha por Vygotsky se deu, também, por ser ele um dos adeptos do Materialismo Histórico Dialético, pautado no marxismo, e por defender que o homem sofre influências socioculturais, alterando a si mesmo e a sua produção no grupo social, o seu contexto mais próximo de interação. A metodologia utilizada na construção epistemológica deste artigo será a Revisão de Literatura, o que possibilitará uma tomada geral de conhecimento para compreensão sobre contexto a partir de teóricos que vinculam teoria à práxis social, compreendendo o mundo e a interação dos homens nesse mundo como uma ação dialética.

Palavras-chave: Metodologia *DBR*; Contexto; Praxiologia.

Segundo entendemos, a partir da necessidade de engajamento do pesquisador no campo e entre os sujeitos de uma situação que será foco de uma investigação que adote a Metodologia *Design Based Research*, doravante *DBR*, ele não poderá prescindir

da construção e da especial atenção ao contexto sobre o qual sua pesquisa está inserida, bem como, os contextos dos participantes, i.e., de todos os sujeitos nela engajados.

Assim, o local ou os locais visitados na pesquisa e os contextos dos participantes ocupam lugar relevante na perspectiva de trabalho desenvolvido a partir da *DBR*, por isso há de se buscar uma compreensão clara desses contextos para o encaminhamento da pesquisa. É praticamente impossível engajar-se numa pesquisa *DBR* sem dialogar com os conhecimentos existentes neles. A pesquisadora Aline A. Santos reforça esse pensamento e o completa:

É impossível estar engajado e implicado na pesquisa sem desenvolver um diálogo com o conhecimento existente sobre o contexto em questão, sem a aquisição, reflexão, criticidade e compartilhamento das informações junto aos sujeitos implicados nela, sem a leitura de autores que não estarão presentes para uma mera revisão bibliográfica, mas para reflexões e referências sobre o contexto trazido. Os pressupostos aqui propostos tendem a levar o pesquisador a situar-se ante o problema, conseqüentemente ao contexto que envolve a comunidade baseada em seus processos históricos e sociais e nos sujeitos presentes nela, compondo um processo integrador constante. (2014, p. 15).

A partir dessa impossibilidade, e tendo em vista o propósito de desenvolver investigações a partir da abordagem *DBR*, resta-nos desenvolver o sentido de contexto e apresentar, neste artigo, uma compreensão capaz de orientar a construção desse elemento que é pressuposto das investigações *DBR*.

Entender contexto significa entender e saber aplicar, em termos de interpretação analítico-social, os conceitos de praxiologia, dialogismo e mediação.

O pesquisador que adotar a *DBR* deverá ocupar-se, em primeiro momento, do processo de construção do contexto da pesquisa, por ser nessa fase que ele passará a reconhecer-se como um interlocutor entre o saber científico e o saber produzido na comunidade com a qual está realizando a investigação.

Para tanto, a descrição do *locus* e da realidade vivencial teórico-prática dos envolvidos nela é fator de grande relevância, isso tem relação direta com a abordagem praxiológica na qual a *DBR* se sustenta. Nesse sentido, dialoga-se com o Antonio Gramsci, que ao analisar a realidade, a percebeu como sendo construída a partir de

problemas reais, e ao observar o movimento da história e da sociedade não colocava os problemas abstratos isolados da vida humana, mas estabelecia relação dialética entre teoria e prática (GRAMSCI, 1970).

Assim, nessa primeira fase da pesquisa, os contextos levantados situarão o pesquisador no foco da pesquisa, possibilitando-lhe engajamento e uma compreensão contextualizada do problema a ser investigado. Todos os passos demandados objetivarão encontrar soluções concretas, um desafio que será obrigatoriamente enfrentado pelo pesquisador, porém em parceria com o conhecimento compartilhado pela comunidade; significa dizer que tal comunidade é, na perspectiva da *DBR*, empoderada, e o saber comunitário contribuirá em todas as fases da pesquisa, objetivando encaminhar o problema levantado e contextualizado.

Na pesquisa aplicada, aportada na *DBR*, o pesquisador, que a princípio pode não pertencer a uma dada comunidade ou situação, insere-se nela e passa a atuar como interlocutor, e engajado exatamente a partir da construção do contexto que lhe permite, investido do saber intelectual, aliar sua práxis acadêmico-teórica à práxis empírica da comunidade à qual vai associar-se para construir, colaborativamente, em etapas futuras da pesquisa, a solução concreta demandada pela metodologia *DBR*, numa dinâmica de pesquisa praxiológica (GRAMSCI, 1970).

Nessa perspectiva, pode-se depreender que não deve existir a separação entre teoria e prática numa pesquisa desenvolvida com a *DBR*, pois é essa unidade interna que mantém a especificidade do conceito de praxiologia na qual ela está aportada. Assim, os sujeitos implicados e guiados pela concepção praxiológica compreenderão a realidade e a premente necessidade de interação contínua entre os engajados na pesquisa, como uma ação dialética guiada pelo senso de colaboração.

A praxiologia tem relação direta com o materialismo dialético histórico, pois através dele é possível analisar a realidade imbuída de contextos, interpretá-la e formular um estudo capaz de imprimir nova forma de se pesquisar, utilizando-se a *DBR* com vistas à práxis, isto é, objetivando contribuir socialmente e enfrentando os desafios atuais na superação da teoria pela teoria e do crescente processo de reificação do ser humano,

uma marca da pós-modernidade e que não deve ser sustentada pelo pesquisador praxiológico.

O segundo aspecto a ser considerado pelo pesquisador refere-se ao conceito de dialogismo, haja vista ser ele essencial à construção do contexto de uma pesquisa que utilize a *DBR*. O dialogismo aqui evocado está diretamente relacionado ao pensamento de Bakhtin, que ao reconhecer a polifonia, na poética de Dostoiévski, a compreende como a multiplicidade de vozes plenas de valor e de consciências independentes das personagens, e concebe o dialogismo como a expressão dos discursos polifônicos. Nesse sentido,

o dialogismo, enquanto essência do pensamento filosófico bakhtiniano, permite acompanhar as tensões no interior da obra literária, as relações interdiscursivas e intersubjetivas, as intenções ocultas das personagens, o diálogo entre culturas como essência da literatura, a luta entre tendências e 'escolas literárias', entre vozes como pontos de vista sobre o mundo, o homem e a cultura. Na ótica do dialogismo, a consciência não é produto de um eu isolado, mas da interação e do convívio entre muitas consciências, que participam desse convívio com iguais direitos como personas, respeitando os valores dos outros que igualmente respeitam os seus. (BAKHTIN, 2013, p. 22).

O contexto a ser construído, na pesquisa que tem a *DBR* como metodologia, é comprometido com a descrição, análise e, sobretudo, a discussão, numa perspectiva de que os sujeitos engajados têm suas vozes reconhecidas pelo coletivo, haja vista não haver única voz definida que articule as informações levantadas e as concentre em si mesmo ou numa só pessoa. Em Bakhtin firma-se a ideologia de que existe a multiplicidade de vozes e cada personagem expõe sua cosmovisão, sendo respeitadas e aceitas suas formas de perceber o mundo, sem que uma delas estabeleça condição primaz sobre as demais.

Coadunando-se o pensamento de Bakhtin à dinâmica proposta pela *DBR* para a construção do contexto, nota-se que este deverá ser construído situando o dialogismo como norteador desse processo, envolvendo a comunidade e valorizando-se as marcas dos processos históricos e sociais, bem como, os sujeitos presentes nela, compondo-se, portanto, um processo integrador constante. Com isso, de forma dialógica e sempre contígua, as opiniões, as construções e as aplicações serão realizadas colaborativamente

e validadas na medida em que a comunidade as reconhecer como pertinentes. Todo o processo da metodologia e abordagem epistemológica serão experienciadas, debatidas e dialogadas. Essa dinâmica envolve o comprometimento de todos os sujeitos participantes da pesquisa e, nessa relação, todas as vozes interagirão com as outras vozes, consoante preceitua o dialogismo bakhtiniano.

Na metodologia *DBR*, inaugura-se uma fase de valorização tanto do contexto quanto dos participantes da pesquisa. Assim, não vale o modelo fechado em si mesmo, engessado a partir de regras metodológicas pré-fixadas e estanques. Considera-se o movimento interativo de todos os participantes envolvidos e dos seus contextos.

Essa nova forma de se fazer ciência, até certo ponto, confronta as metodologias existentes e denuncia suas limitações, o que motiva seus idealizadores e/ou seguidores a um repensar para adaptações e enriquecimento das mesmas. É a partir da análise dos ciclos de pesquisa defendidos na *DBR*, que se constata a fragilidade das outras metodologias, quando o pesquisador ao usá-las, pretendendo envolver os participantes na construção de artefatos e soluções ao problema levantado, não encontra aporte nelas, o que poderá ser sanado com a *DBR* cujo foco principal é exatamente o que lhes falta.

O uso da metodologia *DBR* possibilita ao pesquisador e aos participantes da pesquisa o dialogismo como forma de interação durante todas as etapas da investigação, havendo um compromisso de se estabelecer a discussão ampla do problema que norteia a pesquisa e dos possíveis encaminhamentos a ele pertinentes; nessa dinâmica, não se pode tomar decisões isoladas e independentes; ao contrário, é no diálogo que toda a comunidade estabelece relação de interdependência, priorizando a escuta e o respeito mútuo.

Reconhece-se a existência da multiplicidade de vozes nos diálogos e, por isso mesmo, multiplicidade de perspectivas sobre um mesmo problema. A partir dessa visão, admite-se a polifonia como um método do discurso, sendo tal método relevante ao amplo campo investigativo da metodologia *DBR*. Essa se caracteriza por ser aberta ao diálogo, fazendo deste a premissa maior numa investigação na qual pesquisador e participantes da comunidade se conscientizam das próprias limitações e avanços do processo da

investigação, apoiando-se mutuamente a cada nova etapa e enfrentando os desafios impostos na pesquisa.

Outra peculiaridade da *DBR* é que ela não está comprometida com a teoria, como se essa fosse a protagonista numa pesquisa acadêmica, mas a utiliza como parceira, sendo aplicada e testada, analisando o problema à sua luz e, na prática, adicionando a ela novos elementos observados no contexto pelos engajados na investigação em curso.

Nota-se, então, que há um deslocamento da função teórica na pesquisa encaminhada pela metodologia *DBR* quando se põe no foco da pesquisa o contexto e a interação contínua entre pesquisador – comunidade – problema de pesquisa – experiências da prática e encaminhamento de soluções. Assim, em pesquisa que se utilize a *DBR*, esses elementos não podem ser independentes; significa dizer que num universo misto e permeado de concepções ora coincidentes ora controversas, cujas representações e interpretações dependam de diálogo constante, não pode existir senão a interação dos sujeitos parceiros com o pesquisador, esse exerce função de orientador do processo, mas estabelecendo e procurando manter a isonomia no grupo.

Ao adotar a *DBR* numa pesquisa, todos os participantes deverão estar livres para apresentarem suas sugestões, concepções de mundo e do contexto pesquisado, além de terem abertura para questionar, discordar, apoiar e interferir quando necessário. A partir da aplicação dessa metodologia, o problema de pesquisa é interpretado colaborativamente, e para tal problema o pesquisador e os participantes não devem carregar a obrigatoriedade de se ter uma resposta ao final da investigação, mas que possam encontrar dialogicamente encaminhamentos que resultem em resoluções e não, necessariamente, uma resposta como única solução ao problema levantado inicialmente.

Desse modo, todo problema de pesquisa em *DBR* é tratado com ampla receptividade às respostas socializadas nos debates entre participantes, haja vista em pesquisa aplicada, tipo específico que interessa à *DBR*, se envolver, obrigatoriamente, uma comunidade de indivíduos engajados na investigação. As respostas ao problema possuem características de inconclusibilidade e relatividade, por isso o pesquisador que orienta e caminha com essa comunidade não poder reduzir e modelar uma resposta dada, consagrando-a como verdade aplicável a toda e qualquer situação contextual.

Nesse sentido, se pensar na construção de única resposta é inviável numa metodologia como a *DBR*, que se abre para legitimar-se a cada nova aplicação prática. E ao adotar o enfoque dialógico e polifônico em todo o processo investigativo, assume-se despretensiosa e desobrigada à submissão ao universo estritamente teórico, pois a todo tempo se escutam pessoas, se compartilha e se dialoga com suas realidades. O pesquisador incumbe-se da tarefa indispensável de conduzir dialogicamente os discursos advindos da diversidade presente nos participantes que dividem a pesquisa/investigação com ele.

O terceiro e último aspecto a ser considerado pelo pesquisador, na construção do contexto para uma pesquisa *DBR*, refere-se ao conceito de mediação e inter-relação entre sujeitos. Destarte, entende-se, a partir da concepção epistemológica do socioconstrutivismo, que o conhecimento não está no sujeito, tampouco no objeto, mas origina-se na interação entre eles; essa dinâmica relacional entre entes, numa investigação, é a base inaugurada pelo pensamento moderno.

Enquanto na Pesquisa Pura se desenvolvem teorias, na Aplicada buscam-se soluções para problemas de ordem prática do cotidiano, cujo foco é aplicar teorias às necessidades humanas; nesse sentido, a metodologia *DBR* torna-se ferramenta indispensável aos pesquisadores no desenvolvimento de trabalhos que objetivem essa aplicação a partir da inter-relação entre sujeitos.

Assim, a proposta de trabalhar a teoria histórico-social de Vygotsky, como aporte para ampliar a compreensão sobre mediação e a construção da inter-relação entre sujeitos, se deu por ser tal teoria comprometida com a ideia de que o desenvolvimento da aprendizagem se dá, principalmente, a partir das relações entre sujeitos sociais em contextos nos quais estão inseridos. Na abordagem metodológica *DBR* há espaço para processos criativos, dinâmicos e subjetivos inerentes ao sujeito do conhecimento, uma vez que esse sujeito é valorado, assim como o contexto sociocultural em que se insere a própria pesquisa. Otimizar pesquisas aplicadas levando-se em consideração o processo criativo, dialógico e interativo dos sujeitos nelas envolvidos é pressuposto marcante da *DBR*.

Para Vygotsky (1991), tanto o desenvolvimento da aprendizagem quanto a construção do conhecimento relacionam-se com a cultura produzida socialmente. Para defender tal premissa, ele investigou o desenvolvimento intelectual do ser humano a partir das relações histórico-sociais, afirmando, portanto, que o conhecimento é socialmente construído pelas e nas relações humanas. E em suas observações, constatou que o homem só se faz homem na presença de outro da sua espécie, pois para haver o desenvolvimento da inteligência, a intermediação é fator imprescindível. É com o outro que ele interagirá, compartilhará, descobrirá e trocará informações, desenvolvendo-se enquanto ser e construindo o conhecimento racional de si, do outro e do meio em que vive.

Para melhor se entender essa teoria de Vygotsky, é necessária uma compreensão do que ele publicizou sobre interação e mediação, principalmente. Para ele, o processo de aprendizagem será mais eficaz e efetivo se houver a interação, sendo essa mais importante que o agir do indivíduo sobre o meio. A interação se dá por meio da linguagem que medeia a relação do indivíduo com a cultura. Enquanto a linguagem é a ferramenta social para o estabelecimento do contato e também contribui para o interagir com o outro ou outros, a cultura, por sua vez, se integra ao homem pela atividade cerebral, estimulada pela interação entre os parceiros sociais e mediada pela própria linguagem; nesse sentido, a linguagem e o pensamento estão fortemente conectados e estabelecem relação de interdependência. (VYGOTSKY, 1991).

Desse modo, compreender bem sobre interação e mediação é desafio para o pesquisador que utilize *DBR*, haja vista que essa metodologia carrega em seu bojo um dos principais compromissos durante o processo de pesquisa: fomentar a interação entre pesquisador e colaboradores que trabalham em parceria no refinamento de teorias aplicando-as e testando-as em ambientes reais dos contextos das pesquisas.

Sobre mediação, o prof. Alfredo Matta (2006, p. 71) contribui esclarecendo que ela “acontece quando da intervenção de um elemento intermediário em uma relação. Essa deixa de ser direta e passa a ser mediada”. Defende, o autor, que a linguagem é “inerente ao pensamento e possibilita a mediação”.

Completa apontando três elementos imprescindíveis para a formação dos signos e do próprio pensamento humano: “a interação entre sujeitos, a convivência social e a participação comunitária”. Para Matta, a linguagem e o uso de signos devem ser utilizados pelos sujeitos para que haja a interação; sugere que a noção de mediação pode se completar ao se compreender o conceito de zona proximal, também que há conhecimentos desenvolvidos pelo próprio indivíduo e outros que necessitam da presença de alguém ou de um grupo para que se facilite a assimilação do novo (2006, p. 71-72).

Nesse sentido, a *DBR*, em diálogo com o socioconstrutivismo, desponta como uma metodologia que se propõe norteadora para a construção e investigação concomitantes de um conhecimento que seja processado por meio da interação e colaboração de sujeitos envolvidos, pois como expressa Matta (2013), “a proposta socioconstrutiva parte do princípio da construção e reconstrução contínuas das propostas e modelos, já que tudo depende dos sujeitos envolvidos e do contexto”.

Um pesquisador que utilize a *DBR* dará peculiar atenção a todo o processo que leve aos resultados, isso significa que o modo como se chega a determinado fim ocupa papel central nessa abordagem metodológica. Durante o processo interativo mediado pelo pensamento e pela linguagem as observações são feitas, e as experimentações, as intervenções e ressignificações das conclusões a que se cheguem são efetivadas numa dinâmica de *design* e *redesign*, revisando-se as teorias e procedimentos que encaminham a pesquisa, com vistas ao aperfeiçoamento de todo o processo investigativo.

A partir dos fundamentos norteadores da metodologia *DBR*, verifica-se que o fim último da investigação não é produzir mais teorias e apresentá-las em âmbito acadêmico, mas contribuir para a melhoria da práxis, revisando-se e refinando-se as teorias que lastreiam a pesquisa em curso. Isso corrobora o ideal defendido pelo pesquisador Reeves (2006) que, ao pronunciar-se sobre a utilização da metodologia *DBR*, descreve três princípios fundamentais:

Tratar problemas complexos em contextos reais, em colaboração com os profissionais; integrar os problemas conhecidos aos princípios de design e as hipóteses com os avanços tecnológicos para tornar as soluções plausíveis para estes complexos problemas; e realizar investigação rigorosa e reflexiva para testar e refinar a aprendizagem

inovadora em ambientes, bem como a definição de novos princípios de design (p. 58).

Desse modo, os investigadores têm a possibilidade de estabelecer uma parceria enquanto pesquisadores e, durante todo o processo investigativo, reverem juntos os problemas que surgirem, adequando as teorias para que elas sejam aplicadas, com êxito, em ambientes reais como uma sala de aula, por exemplo, fato considerado como um grande avanço em educação.

Outras áreas do saber têm desenvolvido pesquisas utilizando a *DBR*, o que pode ser constatado em pesquisa em bases do conhecimento como a *Scopus*, que num levantamento entre os anos de 1992 e 2013, a partir do descritor “*DBR*”, apresentou um resultado de 35 (trinta e cinco) trabalhos científicos que contemplam áreas variadas, tais como: Ciências Sociais; Psicologia; Artes e Humanidades; Engenharia; Matemática; Negócios, Gestão e Contabilidade; Ciências da Computação; Medicina e Multidisciplinar.

À guisa de conclusão, reiteramos que o contexto possui lugar essencial numa pesquisa encaminhada pela metodologia *Design-Based Research – DBR*, e que sua construção, aportada nos conceitos de praxiologia, dialogismo e mediação, auxiliará no aperfeiçoamento de pesquisas aplicadas e colaborativas; isso contribuirá para o êxito da construção e difusão do conhecimento de um modo criativo, crítico e inovador por meio da interação e colaboração entre os sujeitos, sobretudo privilegiando o *locus* enquanto realidade vivencial teórico-prática dos envolvidos nela, fator que possui relação direta com a abordagem praxiológica por nós defendida.

Todos os contextos levantados situarão os pesquisadores durante a investigação, possibilitando-lhe engajamento coletivo e uma compreensão contextualizada do problema a ser investigado, bem como, o norte sobre os passos demandados para as soluções concretas a serem aplicadas e validadas neles, desafio que será enfrentado não apenas pelo pesquisador intelectual, mas em parceria direta com o conhecimento compartilhado pela comunidade que, empoderada, elevou-se ao patamar de intelectual orgânico preconizada por Gramsci, sendo elemento-chave na construção dos contextos que são considerados como sustentáculos para a efetividade da pesquisa aportada na metodologia *DBR*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BROWN, A. Experimentos de design: desafios teóricos e metodológicos para a criação de intervenções complexas em ambientes de sala de aula. In: **The Journal of the Learning Sciences**, 1992, p. 141-178.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRAMSCI, Antonio. **Introducción a la filosofía de la praxis**. Nueva Colección Ibérica. Barcelona: Ediciones Península, 1970.

MATTA, Alfredo Eurico Rodriguez. **Desenvolvimento de metodologia de design socioconstrutivista para a produção de conhecimento**, 2013.

_____. **Tecnologias de aprendizagem em rede e ensino de História**. Brasília: Líber Livro, 2006.

REEVES, T. Design research from a technology perspective. In: J. V. D. Akker, K. Gravemeijer, S. McKenney; N. Nieveen (Eds.). **Educational design research**. New York: Routledge, 2006, p. 52-66

SANTOS, Aline de A. **Ancestralidade e história no recôncavo baiano: Construção do conhecimento ancestral no povoado de São Braz, em Santo Amaro**. 142 f. Dissertação de Mestrado – Departamento de Educação, Campus I Salvador, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, 2014.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. Versão para eBook eBooksBrasil, 1991. Fonte Digital disponível em: <www.jahr.org>. Acesso em: abril de 2014.

SOBRE OS AUTORES:

Alfredo Eurico Rodrigues Matta

Pós-Doutorado em Educação a Distância e Comunidades de Aprendizagem Internacionais em Língua Portuguesa (Universidade do Porto). Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)/Université Laval (Canadá). Mestre em História (UFBA). Graduado em Processamento de Dados pela Universidade Salvador e em História pela Universidade Católica do Salvador. Professor titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e professor permanente do Doutorado Multi-institucional Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC-UFBA) e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da UNEB. Pesquisador do

CNPq e coordenador de Projetos de Pesquisa financiados pelo FNDE, MEC, MCT, FAPESB e UNEB.

Rita Cristina C. de Almeida Santiago

Doutoranda no Programa de Doutorado Difusão do Conhecimento – UFBA, com bolsa da FAPESB. Mestre em Teologia: Área de concentração em Educação, pelas Faculdades EST, São Leopoldo-RS. Pós-graduada em Teologia Prática; Graduada em Teologia; Graduada em Letras/Inglês pela FTC e em Sociologia pela IESCFAC-BA; Pós-graduada em Metodologia do Ensino Superior; Possui experiência docente em Educação Presencial desde 1995 e em Educação a Distância (EAD) desde 2008. As experiências como docente são nos componentes curriculares: Metodologia da Pesquisa Científica, Redação e Didática. Possui curso de Formação para coordenadores, professores e tutores EAD, pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB e pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA; Atuou como Professora Formadora, pela UNEB, lecionando as disciplinas Pesquisa II e Pesquisa III. É Revisora de Artigos e Livros.